

RELIQUIA HISTÓRICA E ARTÍSTICA NÃO PODE SER ATINGIDA PELA AVENIDA DE CONTÓRNO

(2.ª de uma série de duas reportagens)



Na frente da velha igreja do solar um telheiro serve de garagem a um calhambeque

O solar do Unhão, pedra no caminho da avenida de Contorno é depositário de séculos da nossa história.

A ele assim se refere o prof. Godofredo Filho, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na Bahia:

— O Solar do Unhão, em sua atual feição arquitetônica, executados os acréscimos apostos por interesses de várias ordens, data do século XVIII, quando foi residência do mais importante ramo da família Pires de Carvalho e Albuquerque, mais tarde herdeira da Casa da Torre, pelo casamento realizado em 3 de abril de 1781, de D. Ana Maria de São José e Aragão com o capitão-mór José Pires de Carvalho e Albuquerque, o 4.º desse nome.

— Mas foi o I.º José Pires — prossegue quem, no começo daquele século, instalou-se no Unhão, antiga residência, desde o século XVII, do desembarcador Pedro de Unhão Castello Branco. Entretanto, o sítio é conhecido a partir do século XVI e pertenceu, com suas águas e roças a Gabriel Soares, cuja fonte, nas imediações, perpetua o nome. Seria talvez o imóvel de que falou em seu testamento: "... Terras que tenho vazadas no caminho de Vila-Velha, da Banda do Mar...

"A Capela, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em sua presente forma externa, é dos fins do século XVIII, reedificada que foi em 1797. O suíço Meuron, que ali estabeleceu em 1816 uma fábrica de rapé, foi responsável por muitas mutilações que a casa sofreu e até por enxertos como o de mais um andar que lhe puseram sob o vasto telhado de quatro águas.

E as vicissitudes não pararam até o presente. Afrânio Peixoto, por exemplo escreveu: "Se eu fôsse o Prefeito da Bahia, estabeleceria aí a casa de Gabriel Soares".

Agora, pergunta o chefe do 2.º Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: "Mas valha-nos Deus, que prefeito da Bahia irá lembrar-se de Gabriel Soares"?

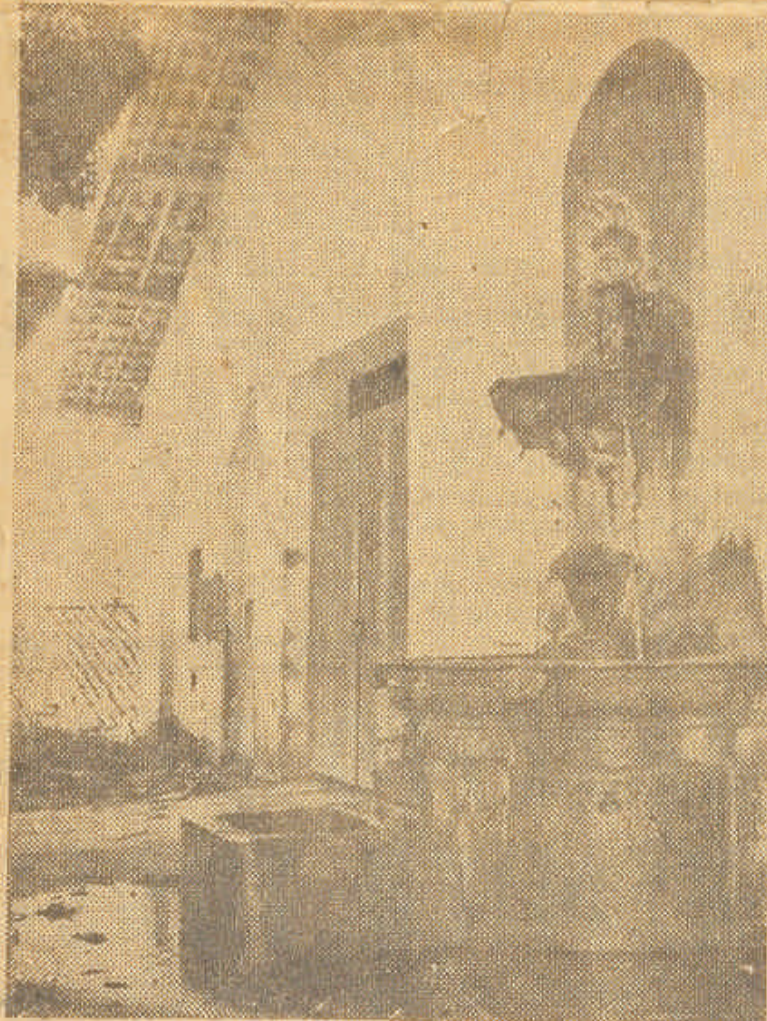
A CULPA NÃO É DO PATRIMÔNIO

— Quanto ao atual e precário estado de conservação dos edifícios do Unhão, finalizou o professor Godofredo Filho, a culpa não é só do Patrimônio, que, às mais das vezes, só realiza obras em imóveis tombados quando a seus proprietários fa-

lecem recursos para fazê-las. O que, é óbvio, disse não tem sido o caso.

E se o fôsse, com tão exiguas verbas como as de que dispõe a DPHAN, como acudir a tudo de importante que a Bahia tem, a necessitar de extensos e caríssimos reparos?

— Que os nossos deputados e senadores, os bahianos sobretudo, se lembrem disso e, pleiteando do governo federal recursos especiais para os fins em vista, salvem de fato essas riquezas de nossa terra, que basta de ufanismo, enquanto monumentos de nossa arte e padrões de nossa história são consumidos pelo descaso dos homens e a indiferença do tempo".



FONTE DO UNHÃO